

A RELAÇÃO ENTRE O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E AS AVALIAÇÕES PADRONIZADAS PARA CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Nilson de Sousa Silva Filho¹; Tamara de Sousa Sena²; Sabrina Carneiro de Sales³;
Wiviany Souza de Lima⁴; Sirneto Vicente da Silva⁵

¹ Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: nilson.silva@aluno.uece.br

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: tamara.sena@aluno.uece.br

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: sabrina.carneiro@aluno.uece.br

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: wiviany.lima@aluno.uece.br

⁵ Professor do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (UECE/FAFIDAM), e-mail: sirneto.silva@uece.br

Introdução

O presente texto é resultado dos estudos realizados na disciplina “O Ensino do Português” e continuadas no Grupo de Estudos Alfabetização de Crianças, Formação de Professores e Psicologia Histórico-Cultural (GEALFAFORPHCULTURAL), vinculado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ao Grupo de Pesquisa e Estudos Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas e Diversidade (GPEEMPODERAR/UVA).

As discussões desenvolvidas têm como base de aprofundamento um teórico-bibliográfico fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural e na Pedagogia Histórico-Crítica. O objetivo deste é analisar e discutir sobre as influências nas avaliações externas presentes no processo de alfabetização, sobretudo, compreender os comportamentos que se dão na construção do sujeito no ambiente escolar ligados à aplicação da prova SPAECE-Alfa.

Metodologia

É uma pesquisa com aprofundamento teórico e bibliográfico sobre as avaliações padronizadas e sua relação com o desenvolvimento da leitura e escrita das crianças. Desse modo, as pesquisas dos(as) autores(as) Silva *et al.* (2023), Gontijo, Costa e Perovano (2020), Batistel, Dolla, Junges, Santana (2016) e Moraes (2007) contribuíram para o embasamento teórico deste estudo.

Segundo Gil (2002, p.59), a Pesquisa Bibliográfica ressalta que sua construção “[...] depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc.”. Assim, compreendemos que esta técnica de pesquisa foi mais adequada para a escrita desse resumo expandido.

Ademais, utilizamos entrevista com uma docente da educação básica que leciona a disciplina

de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal no interior do Ceará.

Resultados e discussão

A formação do sujeito é concebida por meio das relações sociais estabelecidas pelo/a homem/mulher. Com isso, em decorrência das atividades cotidianas no processo interlocutivo e dialógico entre todos/as, tem-se como resultado o surgimento da linguagem, vindo da necessidade de comunicação devido as relações de trabalho, pautada na evidência da língua em sintonia com a materialidade social.

Sendo assim, o processo educacional persiste também, em outras perspectivas, sobretudo, o trabalho da Língua Portuguesa, partindo da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica. De acordo com os/as autores(as) Batistel, Dolla, Junges, Santana (2016, p.299), é possível encontrar-se lacunas existentes no exercício da Língua Portuguesa, como a ausência de “[...] estudos que estejam embasados nos pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural”.

No cenário brasileiro, em seu campo de atuação, a educação, vivemos em um espaço de estudo, que esquece o papel fundamental da escola – formar seres humanos conscientes para viverem em sociedade – e passa a ter como objetivo a aplicação de conteúdos mecânicos voltados diretamente para as avaliações padronizadas, dentre elas o SPAECE, que definem o nível que a criança está no seu processo de leitura/escrita, sem discernimento aprofundado das realidades sociais do/a aluno/a. Consoante os estudos de Batistel *et al.* (2026),

[...] por meio da leitura, o aluno evolui da compreensão empírica à interpretação das ideias do gênero discursivo de modo a ampliar seus conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos. Como as palavras não apresentam um único sentido, ler também é escolher os sentidos mais adequados para cada palavra, conforme o contexto em que foi empregada. Assim, o aluno/leitor dialoga com o gênero discursivo e, muitas vezes, recorre a outras leituras para entender o que foi dito [...] (Batistel *et al.*, 2016, p. 311).

A escola é um local de privilégio para a transmissão da cultura acumulada historicamente pela humanidade, podendo ser chamado de conhecimentos científicos, porém com o surgimento das avaliações padronizadas criadas por políticas públicas educacionais, o ensino passa a ter objetivos diferentes, buscando alcançar competências e habilidades. Dessa maneira, trabalhar conhecimentos utilitários, passam a preferir e valorizar o ensino de conhecimentos básicos e que serão cobrados nas avaliações externas, modificando o que é ensinado na escola para as crianças (Silva *et al.*, 2023).

Transformada no centro da educação do país, as avaliações padronizadas passam a ser o maior objetivo do ano das instituições de ensino, visando conquistar as maiores notas, conseguir destaque, suposta valorização e os prêmios pelos resultados obtidos. Para isso, os conteúdos cobrados nessas provas passam a ser prioridade nas propostas curriculares, planos de aulas e práticas pedagógicas, a escola é direcionada para treinar os estudantes até o momento de provar o valor da instituição.

As mudanças acontecem de esferas maiores para corresponder a resultados e objetivos definidos por setores como o econômico. Segundo Silva *et al.* (2023) os objetivos na educação, passam a ser elaborados em torno do ensino das diversas habilidades e competências, vindas do campo empresarial, as quais fazem parte da Matriz de Referência, e

que acabam sendo prioridade também dos professores no ensino e aprendizagem, acontecendo assim o estreitamento curricular, que passa a ser ensinado o básico dos conteúdos trabalhados no sistema das avaliações externas.

Assim, as competências foram colocadas como base da educação a partir das orientações indicadas na Conferência Mundial sobre Educação para Todos, que aconteceu em Jomtien, Tailândia, em 1990. Através de empréstimos do Banco Mundial e sob pressão, os países passaram a seguir as indicações necessárias para obter os financiamentos. Definida pelas políticas públicas educacionais, a aprendizagem do estudante passa a ser medida por meio das provas padronizadas, aplicadas em nível nacional como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e no caso estadual temos o Sistema Permanente de Avaliação do Estado do Ceará (SPAECE).

Ao realizarmos uma entrevista com docente que leciona Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para a disciplina de “Ensino do Português”, utilizamos o material transcrito da entrevista para a análise e estudo do texto trabalhado. A entrevista foi realizada no dia 22 de novembro de 2025, com a Professora 1, de 39 anos, do sexo feminino, graduada em Pedagogia, especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais. Docente da Educação Básica de um município do interior do Ceará, trabalha há três anos na turma do segundo ano avaliada pelo SPAECE-Alfa, ensinando Língua Portuguesa, Matemática e Artes. Sobre a forma de avaliações e cobranças de resultados, a Professora afirmou:

Essas avaliações, eu sinto como se elas deixassem os professores, crianças, ansiosos, como se estivessem preparando para um momento decisivo, um vestibular, mas que eu não vejo assim como o diagnóstico da alfabetização, eu acho que necessitaria de outra coisa, eu acredito mais em uma audiência de leitura, em uma prova oral, em que eles pudessem, cada um individualmente, demonstrar mesmo o que aprendeu, como é que está a sua leitura, a sua compreensão, e a prova, ela se torna um pouco mecânica, muitas habilidades, e que são apenas crianças que podem estar olhando um para o outro, e isso já não vai diagnosticar mesmo se a turminha se saiu bem, se a turminha foi alfabetizada, enfim, eu acho que precisaria melhorar essa forma de avaliar.

A dificuldade para avaliar a turma, corresponde aos resultados e cobranças impostos pelos setores. Sobre a prova externa, especificamente, a Professora diz: “Não é fácil só falar sobre avaliação em uma turma avaliada ela exige muita coisa, a gente faz avaliação oral, avaliação com a participação dessas crianças, mas por estar numa turma avaliada ela exige mais um pouco do tradicional”.

As disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa têm maior atenção, outras disciplinas perdem espaço para os esforços se concentrarem apenas no que é pedido nas avaliações, o foco passa a ser ler, escrever e contar, para responder ao modelo cobrado nas questões. O desenvolvimento da escrita e leitura é pautada na codificação e decodificação de textos simples e situações comuns da vida do aluno, o processo de alfabetização acaba dependendo da necessidade de resultados imediatos, faltando tempo para trabalhar textos mais complexos e desenvolver a interpretação.

Os métodos de alfabetização deixam de ser utilizados oficialmente, como o sintático, analítico e o misto/eclético, vistos como ultrapassados e culpados pelas altas taxas de analfabetismo. A partir do início da década de 1990, as políticas públicas educacionais de alfabetização passam a usar como base a teoria construtivista, que na sua maioria são estruturadas pela avaliação

padronizada, currículo escolar e formação docente (Silva *et al.*, 2023).

O ensinar a ler e escrever fica dependente dos conteúdos cobrados nos testes padronizados, o processo de alfabetização volta-se para a memorização de questões simples. Segundo Gontijo, Costa e Perovano (2020, p. 18), “A BNCC, na perspectiva do modelo funcional de alfabetização, não pretende formar adultos que viverão num futuro em que, de fato, saibam produzir textos, porque este conhecimento pode levá-los a se questionar”. É necessário compreender que as práticas de produção e leitura de textos devem estimular os alunos a questionarem a sociedade, a ter dúvidas e fazer perguntas, o que não condiz com o modelo do futuro trabalhador que está sendo preparando nas escolas.

As autoras Gontijo, Costa e Perovano (2020) afirmam que é necessário pensar a alfabetização como uma prática sociocultural que os estudantes através do trabalho em conjunto da leitura, produção de textos complexos orais e escritos, conhecimentos sobre a gramática e saber das relações entre som e letra, desenvolvam a criticidade e a criatividade. Que as aulas não se resumam ao treinamento e a decorar as questões das avaliações padronizadas, mas buscar praticar também a cidadania na escola.

Quanto aos testes externos, é preciso questionar seus objetivos, o conceito de alfabetização e o modelo funcional de decorar para determinadas questões, e a atenção voltada apenas à Língua Portuguesa e à Matemática. É importante discutir que somente as habilidades e competências saídas do campo empresarial, estão sendo estimulados para preparar os estudantes ao mercado de trabalho.

A influência das avaliações externas está em diversas etapas do ensino, moldando a forma de ensinar a criança a ler e escrever, e os objetivos e nível que desejam que os estudantes alcancem. Nesse sentido, a Professora destaca a dificuldade do uso do livro didático, quando tem como objetivo preparar a turma para o resultado das avaliações externas: “a gente utiliza impressões, fazemos as atividades, nós utilizamos um texto-base e a partir desse texto-base, a gente vai tentando colocar as habilidades utilizadas no SPAECE e a gente acaba deixando de lado os livros didáticos que são muitos”.

Para alfabetizar um indivíduo é necessário que se leve em consideração o conjunto de propriedades do sistema alfabético. Dessa maneira, para poder utilizar as letras do sistema deve-se levar em consideração os valores sonoros convencionais. Compreender que as letras usadas para escrever é algo fixo, também buscará entender quais as combinações de letras são permitidas e as posições em que elas devem aparecer (Moraes, 2007). A complexidade para aprender a ler e escrever muitas vezes não é percebida ou considerada, por isso a importância da discussão, a valorização em ensinar a interpretação de textos complexos e a gramática.

Conclusões

Neste trabalho, realizamos uma pesquisa sobre a influência das avaliações padronizadas no desenvolvimento da leitura e escrita das crianças em processo de alfabetização. Os testes externos servem como marcadores de aprendizagem, o sistema de avaliação possui alguns pontos positivos como uma possibilidade dos gestores e professores identificarem determinadas dificuldades dos estudantes, possibilitando que trabalhem para corrigir o necessário. Porém, é observado o quanto o currículo é limitado, a escola se limita apenas à preparação para as provas e o ensino é reduzido.

É necessário também a discussão sobre o excesso de importância que é atribuída às avaliações

padronizadas, pois as instituições de ensino ficam grande parte do ano voltadas a ensinar as questões das provas para os alunos. Os conceitos e formas de avaliação da alfabetização, acabam seguindo a necessidade de alcançar boas notas nos testes e, assim, a formação completa do indivíduo é deixada de ser um objetivo.

Dessa maneira, o desenvolvimento da escrita e leitura acaba sendo básico, o nível de compreensão dos textos nas questões dos testes não exige interpretação de textos complexos. Assim, uma criança que apresentar dificuldade em ler e escrever, com os diversos treinos pode conseguir uma boa nota nas provas, por exigirem pouco dos estudantes. Portanto, a escola torna-se um espaço de educação voltada para o índice de metas e/ou resultados, deixando de cumprir sua função social.

Palavras-Chave: Alfabetização; Avaliações Padronizadas; Políticas Públicas.

Referências Bibliográficas

BATISTEL, S. S. *et al.* O trabalho pedagógico na disciplina de Língua Portuguesa na perspectiva histórico-crítica. In: PAGNONCELLI, C.; MALANCHEN, J.; MATOS, N. S. D. (Org.). **O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2016. p. 297-334.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_antonio_carlos_gil.pdf, Acesso em: 09 de nov. de 2025.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; COSTA, Dania Monteiro Vieira; PEROVANO, Nayara Santos. Alfabetização na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 31, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/SSfgKgXvXK5VDq6GqfGfwhK/> . Acesso em: 19 nov. 2025.

MORAIS, Artur Gomes de. A norma ortográfica do português. In: SILVA, Alexsandro da; MORAIS, Artur Gomes de; MELO, Kátia Leal Reis de (orgs.). **Ortografia na sala de aula**. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-27.

SILVA, S. V.; PEIXOTO, F. V. S.; RABELO, J. J.; CARMO, F. M. As políticas de avaliação educacional para crianças em processo de alfabetização: uma análise crítica à luz da teoria histórico-cultural. **Revista Imagens da Educação**, v. 13, n. 4, p. 42-62, out./dez. 2023. ISSN 2179-8427, <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v13i4.63244> . Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/63244>. Acesso em: 10 nov. 2025.